

# E QUE VIVA O NATAL



***Histórias Natalinas - Vários Autores***

*\* Projeto Quintextos \**

# Créditos

*E QUE VIVA O NATAL*, coletânea, vários autores. Edição Especial, 1a. Edição, **Helena Frenzel Ed.**, Dezembro de 2014.

*Este volume é parte integrante do Projeto Quintextos e não pode ser comercializado.*

‘Papai Noel’, ‘Batata!!’, ‘Boneco de Lata’, ‘Às Compras’, ‘O Senhor Manuel’, ‘Um Voto’ © *Henrique Mendes*; ‘Nesse Natal...’, ‘E o Natal Chegou...’ © *Michele Calliari Marchese*; ‘Era Natal’, ‘O Nascimento’ © *Soraya Souto*; ‘O Valor dos Sonhos’, ‘Esperança’ © *Celêdian Assis de Sousa*; ‘Ao Que Muitos Chamam Natal’, ‘Natal: Quase Todos os Dias’ e ‘Seu Zé, Dona China e Seu Natal’, foto da capa © *Helena Frenzel*. Todos os direitos reservados. Todos os textos aqui reproduzidos com permissão. Os colaboradores asseguram seu direito moral de serem identificados como os autores desta obra. Cada colaborador(a) declarou-se autor(a) original de seu(s) respectivo(s) texto(s) e, assim sendo, detém todos os direitos autorais sobre o(s) mesmo(s) e assume as responsabilidades legais por tal declaração.

*A editora entende que as narrativas desta coletânea tratam-se de ficção ou de alguma modificação da realidade, ou seja: não se referem a pessoas e/ou fatos concretos do mundo real, não emitem sobre eles juízo ou opinião nem representam, necessariamente, a sua opinião ou a de qualquer dos colaboradores. A editora, conscientemente, optou por não seguir em seus próprios textos as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Por este motivo, respeitou as escolhas ortográficas de cada colaborador(a) e manteve os textos conforme os originais.*

Copyright © 2014. Todos os direitos sobre esta edição eletrônica estão reservados à editora: *Helena Frenzel*, St. Ingbert, Alemanha ([helenafrenzel@gmail.com](mailto:helenafrenzel@gmail.com))

Esta edição pode ser livremente distribuída sob uma Licença Creative Commons - Atribuição - Sem Derivações - Sem Derivados 2.5 Brasil (CC BY-NC-ND 2.5 BR), desde que na íntegra e com os devidos créditos de autoria. Não é permitido de modo algum comercializá-la, alterá-la e/ou usá-la no todo ou em parte para gerar obras derivadas.

Obra disponível para baixar em: [quintextos.blogspot.com](http://quintextos.blogspot.com)

# Sobre o Volume

E QUE VIVA O NATAL

Coletânea, Edição Especial, 1ª Edição

Textos de

*Henrique Mendes, Michele Calliari Marchese, Soraya Souto, Celêdian Assis de Sousa e Helena Frenzel*

Edição: *Helena Frenzel*

Dezembro de 2014

Esta publicação é parte do site Quintextos  
([quintextos.blogspot.com](http://quintextos.blogspot.com))

**Venda proibida**

# Índice

**- Henrique Mendes -**

Papai Noel (5)

Batata!! (8)

Boneco de Lata (15)

Às Compras (19)

O Senhor Manuel (22)

Um Voto (25)

**- Michele Calliari Marchese -**

Nesse Natal... (29)

E o Natal chegou... (32)

**- Soraya Souto -**

Era Natal (36)

O Nascimento (38)

**- Celêdian Assis de Sousa -**

O Valor dos Sonhos (41)

Esperança (44)

**- Helena Frenzel -**

Ao Que Muitos Chamam Natal (47)

Natal: Quase Todos os Dias (50)

Seu Zé, Dona China e Seu Natal (54)

- Henrique Mendes -

# Papai Noel

Alguém de espírito previdente me enviou um cartão de Natal que já chegou. Por dentro há uma meia dúzia de linhas, com os melhores votos de “boas festas” de um antigo amigo. Por fora, uma imagem deliciosa dumas casinhas cobertas de neve muito branca, com meninos brincando na rua e fumaça saindo pela chaminé.

Sorrio, tocado pelo gesto desse amigo de sempre. Depois de tantos Natais em silêncio, e de tantos outros cumprimentando-me apenas por telefone, resolveu enviar-me um cartão à moda antiga, pelos correios. Reli o texto, e depois voltei à imagem.

Toda a paisagem por trás das casas é uma mata em verde escuro, onde todas as árvores são árvores de Natal, enfeitadas com bolas multicolores, estrelas e luzinhas acrescentando brilhos. Nos céus, lá ao longe, muito pequenino, vem um trenó puxado por renas, com um Papai Noel bem gordinho de braços abertos, como se quisesse, num gesto de plena alegria, abraçar o mundo.

Claro que este é um cartão igual a tantos outros, baratinho, que se pode comprar em qualquer lojinha da cidade. Mas, para mim, recebê-lo foi uma coisa muito especial, que me fez lembrar do tempo em que eu e precisamente aquele amigo que mo enviou brincávamos na porta de casa fazendo bonecos de neve e construindo trenós, que queríamos velozes — tão velozes como imaginávamos que era o trenó de Papai Noel.

Brincávamos na neve, rindo sem parar, até que os nossos dedinhos de criança ficassem roxos de frio, numa espécie de licenciosidade que mães e avós reservam a esses dias, em que a natureza se veste de branco para, mais uma vez, nos conseguir deslumbrar e surpreender.

E dentro de casa havia a lareira acesa, com a meia pendurada, a árvore de Natal cheia de luzinhas e enfeites de todas as cores, as guirlandas nas portas, com as bagas vermelhas de azevinho, as caixas dos presentes dos adultos, ricamente embrulhados, música da época, enfim, todos os detalhes que compõem a mística do Natal.

Havia aquela expectativa imensa, quase palpável, para ver se as cartas que tínhamos escrito para Papai Noel muito tempo antes, com as listas dos presentes que mais desejávamos, tinham sido atendidas —e se os presentes eram aqueles que tínhamos pedido.

De tudo isto me lembrei ao receber este cartão do meu amigo. E agora estou aqui pensando que eu mesmo ainda não fiz nada. Nem lhe mandei um cartão, nem lhe escrevi, nem lhe telefonei, enfim: nada.

Na verdade, custei a arranjar tempo para montar uma árvore de Natal em casa, para que a época não passe despercebida. Mas ainda bem que o fiz, pois este cartãozinho tão simples, que o meu amigo me mandou, veio mostrar-me como é importante cuidar destes pequenos detalhes.

É preciso mantê-los vivos para que a tradição não se perca, e perdure o costume de um dia no ano —pelo menos um dia, no ano —as pessoas olharem o mundo com mais alegria, com mais carinho, serem mais atentas aos detalhes da vida e aos outros, e desejarem-se mutuamente felicidades por se quererem bem. E, por se quererem bem, partilharem mais, dividirem melhor, não apenas os bens materiais, as coisas palpáveis, mas também a ternura e o afeto, bem como a atenção e a alegria. E se, para isso, for necessária alguma imaginação —tanto melhor.

E se ao cuidar dos detalhes e de tudo o que é necessário para conservá-los, fizermos nascer, ou até aumentarmos, o folclore que rodeia a quadra Natalina, isso será excelente. Porque isso é a verdadeira cultura, perpetuando-se, levando-nos a ser capazes de conviver com valores que, apesar de se apoiarem em sonho e fantasia, não podemos deixar nunca que sejam menos reais.

Olho novamente o pequeno cartão que recebi, meio anacrônico nos dias de hoje, meio fora de moda, mas desta vez olho-o com um novo respeito.

Talvez tenhamos de fazer algumas concessões, algumas adaptações, não sei bem.

Talvez seja difícil imaginar Papai Noel descendo pela chaminé para entregar os presentes, quando hoje moramos em apartamentos onde não há chaminés.

Talvez os meninos daqui da cidade estejam certos, quando falam das renas como sendo veadinhos. E é claro que não sentem o menor entusiasmo com o trenó, que não tem rodas e só é capaz de escorregar numa tal de neve, que nunca ninguém viu.

Talvez Papai Noel tenha de vir de charrete. De carroção puxado por bois dourados... e de bermuda, por causa do calor...

Mas, ainda assim, valerá a pena !

*Por Henrique Mendes.*



# Batata!!

Todos os anos, nesta época, costumo visitar uma cidade relativamente próxima e regressar só no fim do dia. E todos os anos tenho encontrado um personagem curioso, abusado, vestido de Papai Noel, que, de uma forma ou de outra, sempre encontra uma maneira de me importunar, seja pedindo-me alguma coisa, seja apenas falando sem parar.

Noto que as pessoas o evitam com um sorriso, fogem da sua irreverência algo desmedida, da sua voz trovejante e da falta de limite de suas palavras.

No dia em que o vi pela primeira vez, o garçom acabara de perguntar-me o que queria para acompanhar o bife que encomendara, se arroz, se batata, e eu respondera: “Batata!”. Então o Papai Noel chegara de repente, sentara-se à minha mesa, e dissera que queria a mesma coisa, sorrindo sempre, olhando alternadamente de mim para o garçom, até que concordei. Afinal, dentro de alguns minutos eu sairia dali num ônibus e não voltaria a vê-lo. Podia perfeitamente pagar-lhe uma refeição decente.

O garçom afastou-se, e foi então que ele se apresentou. Estendeu para mim uma mão muito suja, que hesitei em apertar, e disse com um sorriso alvar onde faltavam dentes:

—Muito obrigado! Estou com uma fome de leão! E deixe-me aproveitar para apresentar-me: eu sou o Papai Noel ! Você eu já sei: é o Batata !

—Hem ? Não... Que é isso ??? Eu sou o...

—Batata !

Não adiantou espernear. Fiquei sendo o Batata.

E nos anos seguintes, naquele mesmo barzinho sempre meio vazio, enquanto como alguma coisa durante o tempo de espera pelo ônibus, sempre acabo encontrando Papai Noel. E sempre acabamos comendo juntos e conversando, de tal maneira que o garçom, aquele cretino —que hoje já é outro —me trata por Dr. Batata, e sempre coloca dois lugares à mesa.

E sempre Papai Noel chega vindo do nada, nas mesmas velhas roupas surradas, de bolsos enormes, ruidoso, espalhafatoso, sujíssimo. E já várias vezes perdi o ônibus e acabei tendo de tomar um outro mais tardio, por conversarmos tanto. Mas nunca o interroguei a respeito de ser ou não Papai Noel, e ele nunca disse nada menos condizente com o personagem que representa há tanto tempo.

Este ano, decidi finalmente interpelá-lo. Talvez até entrevistá-lo. Por que não?

Assim, estava já sentado à mesa quando escutei nas minhas costas o seu vozeirão poderoso, falando em espanhol: “¿—Eres tu, Batata?”

Sorri por dentro, e a força que tive de fazer para não o deixar perceber esse sorriso, a minha alegria por reencontrá-lo, deu-me a dimensão exata da ansiedade com que eu aguardava este encontro. Levantei-me e abracei o meu velho amigo Papai Noel.

—Sí, ¡Yo mismo! ¿Pero ahora hablas español? —perguntei, olhando-o no rosto muito escuro, contrastando com o cabelo muito branco.

—¡Es que así no necesitas traducirme! ¿Verdad? —o seu sorriso era desconcertante.

—Sabes que este ano quero fazer da nossa conversa uma entrevista?

—Claro !

—Mas como sabes?

—Tinha que acontecer, mais cedo ou mais tarde. Sempre percebi isso nas perguntas contidas que não te atrevias a fazer... E há coisas que um velho Papai Noel sabe por instinto... digamos que são... privilégios da velhice.

—Acho que eu fui muito transparente.

—Ah, sim... muito! —riu ele.

—Então, se és mesmo Papai Noel, por que nunca me deste um presente de Natal?

—Hum... vejamos... Quantas pessoas conheces aqui nesta cidade?

—Aqui na cidade não conheço ninguém. Só tu.

—E eu não sou daqui. Eu apenas te procurei, te ofereci a minha mão e a minha companhia.

Eu ri-me, divertido.

—Companhia que foi jantando às minhas custas, estes anos todos!

—Bem... Isso foi um detalhe, só para tua satisfação pessoal! Ficaste feliz, por achares que me podias perfeitamente pagar uma refeição decente. Não foi? Confessa, vá...

—Bem... Sim, é verdade.

—Então, aí está: eu fui o teu presente, todos estes anos.

—Bem... Sim, mas...

—Entonces... ¡Vamos a cenar, hombre! Podemos falar enquanto comemos.

—Está certo! Não deixa de ser verdade. Confesso que estou um pouco desorientado...

—Acalma-te! Pergunta o que quiseres...

—Bom, diz-me o teu nome então.

—Santa Klaus!

—Ah não! Assim não! Tu és negro!

Ele parecia surpreendido.

—Sim! Desde niño! Faz tempo, isso!

—E onde está o trenó, que eu nunca o vi?

—Bem, sabes... é muito difícil de usar sem neve.

—Mas o teu trenó voa! Não precisa de neve para...

Ele aproximou a cabeça da minha, por cima dos pratos.

—Consegues mesmo acreditar nisso? E mesmo que fosse verdade, já viste como está a situação dos aeroportos?

Fiquei sem respostas. Entretanto, a comida chegou. Fomos comendo quase em silêncio. Num estacionamento vazio ali perto, um grupo de garotos estava sentado no chão, sem fazer nada. Então, sem interromper o que me estava dizendo, Papai Noel levantou-se, abriu a janela e tirou do bolso uma bola de tênis amarela, novinha em folha. Deu um grito para os meninos e atirou-a na direção deles, lá para fora. Depois sentou-se de novo, e continuou comendo e conversando.

Em pouco tempo a criançada lá fora já jogava um jogo impossível de descrever, com uma bola amarela e improvável. Ele ria, olhando para eles, enquanto conversávamos sobre outras coisas. Aos poucos voltávamos à entrevista.

—E as renas? —perguntei suspeito. —Como se chamavam as renas?

—Bobi!

—Bobi? —repeti eu escandalizado. —Mas isso é nome de cachorro!

—Ah é? —disse ele com um ar muito inocente.

—Claro que é! O que aconteceu com Rudolpho e as outras, hem?

—Não sei, nunca as vi! Quando assumi o cargo aqui, já então não havia renas. Ouvei falar de um churrasco, há muito tempo.

—Churrasco? Mas isso é uma loucura! Isso é coisa que se diga?

—Cálmate, hombre. No sé si é verdade. Mas nunca as vi.

Comecei a entender tudo. Ele não era o Papai Noel. Só de nome.

—Entendo... E para as tuas deslocações usas...

—Ah, um velho furgão da Ford, do qual ninguém suspeita, eh eh eh!

—E o que aconteceu ao célebre “HOU, HOU, HOU”?

—Isso é só mesmo quando há meninos por perto, claro. Ninguém se ri assim, não achas?

—Bom, isso é verdade... Mas... e o saco dos presentes... Também não usas, é claro!

—Saco, saco... não uso. Mas olha o tamanho dos meus bolsos... Muito mais práticos. E hoje em dia os presentes são muito menores que dantes. É um pendrive. É uma caneta bonita. Uns brincos com brilhantes. Um alfinete de gravata... Uma lingerie mais sexy...

—Hem? —Eu mal acreditava em meus ouvidos. Estava chocado! —Mas isso não são coisas que se possa dar às crianças. Crianças gostam de brinquedos, bicicletas, carrinhos, bonecas, coisas assim!

—Nááá!... Eu prefiro os adultos... É uma questão de lógica. Se ajudares os adultos, eles vão dar melhores presentes às crianças. Se eles estiverem felizes, com o espírito de Natal, eles vão levar o espírito natalino para suas casas e ensiná-lo às suas crianças e isso é o que importa, não achas?

Eu fiquei sem saber o que dizer perante aquele Papai Noel negro, sujo, de quem eu era amigo e com quem jantava há tantos anos, sempre no mesmo lugar, que nunca vira renas nem trenó, que se achava o meu presente de Natal, apesar de jantar sempre às minhas custas.

Minha cara devia traduzir a minha surpresa, porque Papai Noel riu-se e disse-me:

—Não fiques assim, chocado comigo. A vida é como é. E não é mais do que apenas um sonho, tal como resolvemos sonhá-lo. Enquanto houver espaço no teu sonho para um Papai Noel com um saco às costas, descendo pelas

chaminés e distribuindo presentes para os meninos, assim será! Enquanto houver espaço para um trenó puxado por Rudolpho e as outras renas, guizos soando na noite, e um trenó mágico, voador que não precisa de neve e voa pelos ares rumo ao Polo Norte, onde fica a fábrica de brinquedos de Papai Noel — não será de outra forma, nunca.

Eu olhava para ele, sentindo que algo importante estava acontecendo ali, naquele momento, e então ele continuou:

— Mas pode ser que um dia só caiba no teu sonho um Papai Noel mais simples, menos mágico e mais humano, que não chegue a tantos lugares. Talvez nem voe pelos ares num trenó, mas que talvez tente ajudar aqueles de quem se aproxima — talvez só com pequenos gestos; um pouco de companhia; uma bolinha barata para os meninos pobres; um saco de comida para os cachorros de rua; qualquer coisa que talvez nem componha um sonho muito grande. Pode ser um Papai Noel branco, negro, mestiço, de qualquer cor — não vai fazer diferença nenhuma, o Natal é só um dia, no ano. Mas um sonho é um gigante que não morre.

Então, subitamente, Papai Noel levantou-se, e de um dos seus bolsos tirou uma caixa e me entregou.

— Agora tenho de ir-me! — disse. — Este ano, que é o meu último ano como Papai Noel, houve espaço no meu sonho para trazer-te um presente. Quem sabe se no próximo ano haverá espaço no teu sonho para usá-lo?

Abracei o meu velho amigo, e virei-me procurando uma mesa sobre a qual abrir o presente que me oferecera. Quando voltei a virar-me para ele, ele já havia partido, sem que eu me apercebesse. Voltei a olhar o presente, que estranhamente parecia-me agora muito maior do que quando o recebera... Em cima da mesa estava uma roupa completa de Papai Noel, novinha e brilhante, com um cartão que dizia: “As botas, tu compras, tá?”

A minha risada soou um pouco alta demais. Entretanto, o garçom aproximara-se da janela e ria também. Os meninos do estacionamento tinham interrompido

o jogo e assistiam a um fogo de artifício que vinha de um velho furgão Ford estacionado lá ao fundo, ao lado de uma árvore de Natal toda iluminada.

Fui à janela também para assistir, e a criança que ainda há em mim maravilhou-se com as luzes e as cores e as risadas das crianças e das pessoas que passavam.

E não vi nenhum trenó, mas juro que ouvi uns guizos que não esperava e, por cima de tudo aquilo uma inesperada risada de “HOU, HOU, HOU” pareceu pairar por sobre toda a cidade.

Voltei a olhar a roupa. Pensei: “No próximo ano, quem sabe?”

*Por Henrique Mendes.*

# Boneco de Lata

Eu vi quando, antes de sair, ele ficou olhando aquela reprodução duma velha foto em que eu, cliente habitual, nunca prestara atenção. Era uma ampliação enorme, que fora transformada na logomarca da casa. E ele era um homem negro, bem vestido, mas com simplicidade.

Já o tinha notado quando ele entrara e fora diretamente para trás do balcão e ficara conversando simpaticamente com o empregado do pequeno bar em que eu me encontrava. Pouco depois colocara um avental e começara a lavar uns copos enquanto, com um gesto discreto, apontara na direção da sala e fizera com que o empregado recolhesse toda a louça que havia nas mesas, e que já era desnecessária.

Acabei pedindo mais um café quando este me abordou, perguntando se podia levar a chávena vazia. Notei que estava um pouco nervoso.

—É o patrão? —perguntei.

—É sim, senhor! —e voltou para o balcão, atarefado.

Pouco depois de o patrão ter saído, aproximou-se sorrindo, para continuar o assunto.

—E ele fica lavando louça, assim? —admirei-me.

—Ele gosta! —respondeu desconcertado. —Sempre faz isso quando aqui vem. Confere as contas, vê se está tudo bem, se é preciso alguma coisa, e depois vai-se embora. Mas sempre atende algum cliente, ou lava louça, ou faz algo assim. Ele e a irmã hoje são donos de uma rede enorme de pequenos bares como este, junto a estações ou a rodoviárias.

—Ah é? —perguntei só para dar seguimento à conversa.



—Sim, senhor! Nada de muito luxuoso, como vê. Apenas pequenos lugares agradáveis onde se pode descansar um pouco, ou marcar um encontro com alguém, ou comer uma pequena refeição simples e baratinha.

—Parecem gente boa!

—São sim, senhor. Diz-se que passaram dificuldades, quando eram crianças. E que trabalharam muito para conseguirem ter alguma coisa. São muito humanos.

Outros clientes chamaram a atenção do empregado, que foi atendê-los. A minha recaiu sobre a foto da logomarca, na entrada. Havia nela alguma coisa vagamente familiar. Passado um pouco, o empregado regressou com uma foto de tamanho normal, que me mostrou.

—Esta é a mesma foto, sem ser ampliada! —disse —Os donos fazem questão que a mostremos a toda a gente que se mostre interessada na foto do logotipo. Dizem que um dia alguém verá essa foto e se lembrará deles.

Olhei a foto. Eram dois meninos negros rindo, um de cada lado de um boneco feito com um pequeno tambor de lata, ferrugento. Sorri das suas expressões de felicidade intensa.

O gorro do boneco era feito com um saco de cimento sujo com barro vermelho, que custara a ficar em pé para a fotografia. Os olhos tinham sido improvisados com duas páginas de agenda, recortadas em redondo, e duas tampinhas pretas de rolo de fotografias. A boca tinha sido desenhada a carvão, aberta, rindo muito. Depois tínhamos feito furos com um prego e colocado pequenos pedaços de corda desfiada, com um nó na ponta, de dentro para fora, e ficara uma barba razoável, mais cerrada de um lado do que do outro, mas ainda assim uma barba. E, ainda assim, ficara um boneco que os garotos tinham adorado apesar daquele ar de poeira suja, do vento e da fome que havia naquela aldeia remota, lá em África, perto duma estação ferroviária incongruente, onde ninguém se apeava, nem ninguém subia, e onde um mato ralo crescia no meio dos trilhos.

“—Quem é esse?” —tinham perguntado.

“—Esse é o Pai Natal!” —respondi, rindo com eles.

“—Na minha terra chamam-lhe Papai Noel...” —dissera o meu colega brasileiro.

“—E na minha, chamamos-lhe Santa Claus!” —acrescentara Ramón, que falava espanhol.

“—Tem três nomes...”

“—Ih...tem muitos nomes... mas é sempre o mesmo! Aparece sempre neste dia, para trazer presentes para as crianças.”

Os garotos pareceram confusos. Não sabiam o que eram presentes.

“—Comida!” —expliquei prosaicamente. E então eles riram muito...

E foi assim que eu e mais dois colegas acabamos dividindo alguns mantimentos com esses dois garotos que teimavam em nos ajudar, e feito uma espécie de jantar com eles. Era 24 de Dezembro, e a noite ajudava a não ver e a esquecer toda aquela miséria na aldeia, além do círculo de luz da fogueira. Tinha surgido a brincadeira do Pai Natal, e na sequência dela o jantar ganhara, para nós, o simbolismo de uma ceia.

Um dos meus colegas, ao saber que não tinham pais, deu-lhes algum dinheiro. Disse-lhes que era suficiente para apanharem o próximo trem que passasse e irem para uma cidade grande, longe dali. Eles riam tanto do boneco barbudo, estavam tão felizes tagarelando na sua língua nativa um com o outro, que duidávamos que tivessem entendido. Tiramos umas fotos, que mais tarde fizemos chegar ao chefe da estação, para que lhas encaminhasse.

Agora, ali no bar, tantos anos depois, o empregado contava-me a história daquele patrão insólito, eu olhava a chuva lá fora, pensava naquelas crianças de uma véspera de Natal tão distante da minha vida de hoje, e recordava-me de uma consoada improvisada feita junto de uma estação poeirenta.

O empregado ia falando, e eu fui sabendo como todos os anos, na véspera de Natal, eles abriam as portas e serviam um jantar muito simples, gratuito, a quem quisesse comer. E recordava o homem negro que vira entrar e sair, que afinal

era o dono de uma rede de pequenos bares que existia em vários países, junto às estações.

Identificava nele aquele menino da foto, ao lado daquele boneco de lata com barba de corda, rindo muito com a irmã num lugar poeirento de África, quase sem esperança, num dia em que alguém lhes dera razões para rir.

Olhei novamente a logomarca, desta vez com outros olhos. Dizia:

*Pai Natal – Café.*

Fiquei com a certeza que, nos outros países onde existiam, os pequenos bares não seriam nada diferentes daquele. Apenas o nome mudaria um pouco. Mas estaria também escrito junto da mesma foto ampliada que agora eu já reconhecia, de um boneco de lata com barba de corda, e uns olhinhos pretos, redondinhos...

*Por Henrique Mendes.*

# Às Compras

Tal como sempre acontecia, o Natal aproximava-se a toda a velocidade. O frio já se fazia sentir, as últimas folhas tinham caído das árvores, e as noites chegavam cedo, como que num convite às pessoas a recolherem-se mais cedo, e a abandonarem as ruas. Tudo se virava para dentro de casa e o conforto do lar.

As iluminações típicas da quadra eram apenas o suficiente para torná-las um pouco menos inóspitas e faziam com que, independente do clima, a ideia de festividade e de coisas boas em casa, sendo partilhadas com a família, fosse a todo momento lembrada e estivesse presente em todos.

Aqui, apesar do frio, toda a gente parecia estar satisfeita, menos o Sr. Schluss, do banco. E ele sabia muito bem o porquê, O Sr. Schluss: —ele tinha detetado uns errinhos aqui, outros errinhos ali, ainda outros errinhos acolá, nas contas dos clientes do seu banco! Coisinhas insignificantes, sem dúvida, mas quem julgavam que ele era, hem? Ele era um profissional de primeira! Ele não ia nunca deixar passar uma coisa daquelas. Jamais!

Então o Sr. Schluss pegou o telefone e ligou para o seu colega de um outro país, para saber mais detalhes do que se passava.

—Keys? É você? Daqui é Schluss, como vai? Feliz Natal para você também, obrigado!... Sim, sim, obrigado... para você também! Olhe, Keys, eu preciso pedir-lhe uma informação. Tenho vindo a notar que as contas dos meus clientes mostram pequenas compras feitas com cartão aí no seu país. Valores muito pequenos, quase insignificantes... coisinhas de nada... Quase todos eles, sim... sim... muitos! Como?... Você também?... E são compras feitas aqui no meu país? Pelos seus clientes?

Do outro lado, o Mister Keys foi respondendo que sim a todas as suas perguntas. A surpresa foi tão grande que o Sr. Schluss até deu um salto e ficou em pé. Depois, perturbado, desligou sem agradecer e ligou para um outro colega de um outro país.

—LeClef! Aqui é Schluss! Sim! Sim, claro, Boas Festas para si também, obrigado! Ah, sim para a minha sogra, claro! Obrigado, obrigado, para a sua também. Mas LeClef... E para a esposa! Isso! Ah sim! A torre, claro... branca... sim, claro... muito bonito, sim!... Isso, LeClef... Isto é urgente, LeClef... mas.... me escuta... sim! Sim LeClef ! Diga-me uma coisa então: —estive a falar com o Keys e ele está com o mesmo problema que eu. Nas contas dos clientes dele aparecem muitas compras feitas com cartão, de valores muito pequeninos, quase insignificantes, coisas que mal se notam, mas em quase todas... e são todas compras feitas no estrangeiro, ou em cidades onde os clientes nunca andaram recentemente. Você já ouviu falar de alguma coisa assim? O quê? você também?? Mas então as coisas estão muito complicadas, o problema é geral!! Obrigado, LeClef! Boas Festas!

O Sr. Schluss ficou muito tempo sentado olhando pelos vidros da janela sem chegar a nenhuma conclusão. Por todo o lado, pequenas compras de valores muito pequenos haviam sido feitas com cartão, e agora os donos dos cartões negavam tê-las feito. E ficavam furiosos quando o banco insistia em cobrar.

Os funcionários do banco simplesmente não conseguiam que os clientes concordassem que tinham feito compras tão estranhas, e de valor tão baixo em lugares tão diferentes. Recusavam-se a pagar —E o banco não queria de maneira nenhuma ter problemas com os seus clientes tradicionais por valores tão pequeninos, é claro! Por isso, ele não insistia e tratava tudo como se tivesse sido um erro do banco. Mas ele, Schluss, sabia que não era!

E agora que falara com os seus colegas dos outros países, e sabia que eles estavam enfrentando o mesmo tipo de problema, ele sabia que não ia ser fácil de resolver. Por isso estava tão apreensivo.

Podia ver pela janela muitas entregas chegando ao bairro pobre, na parte mais baixa da cidade. Resolveu sair para a rua para ver melhor, estranhando o

movimento, e cruzou-se com um grupo de crianças, já não muito pequenas, que o cumprimentaram sorridentes: “—Olá, Sr. Schluss! Boas Festas!”. Depois sorriram, e entre risos saíram correndo.

Ficou meio desconfiado a olhar para eles, como se algo não lhe soasse bem, mas sem ser capaz de identificar o quê. Seria que noutra lugar do mundo outras crianças cumprimentavam o Chávez, e o Keys, como o estavam a cumprimentar a ele, assim com aquele ar excessivamente santinho?

Seria que as crianças tinham alguma coisa a ver com aquilo ? As crianças, com a sua internet, e os seus laptops e os cartões de créditos dos seus pais... Seria possível?

Olhou um grupo de crianças que pulava e ria e, no meio delas, o seu próprio filho, que brincava, já a caminho de casa, com o seu pequeno computador novo debaixo do braço.

Então ele teve a certeza de que não precisava procurar mais explicações, e de que já conhecia as razões pelas quais tudo tinha acontecido. Iria chamar os pais das crianças, explicar-lhes que não se tratava de erro do banco, nem de quebra de segurança nas contas deles, mas que tinha sido uma maneira de os seus filhos quererem endireitar o mundo, sem saber que é preciso mais do que um grande coração para se ser Pai Natal.

Como o exemplo era muito bonito, iria propôr às lojas, aos pais e ao próprio banco, que dividissem os custos envolvidos de maneira que as pessoas necessitadas pudessem conservar os presentes que já tinham ganho e ter um Natal mais Feliz.

Olhou para o seu filho subindo a rua, ainda em passinhos curtos de jovem desajeitado, e sorriu satisfeito, já vendo nele um homem de bem.

Na parte baixa da cidade continuavam a chegar encomendas de cores vivas trazendo coisas de Natal, provocando gritos à criançada. A neve recomeçou a cair mansinha. Não tardariam a aparecer rastos de trenó!

*Por Henrique Mendes.*

# O Senhor Manuel

O Señor Manuel viu quando chegaram. O cavaleiro rapidamente deixou o cavalo amarrado na pequena rua lateral e subiu os degraus até à loja. Quando abriu a porta, trazia na mão um envelope de papel muito branco. Era a resposta de Don Alberto, que aguardava ansiosamente.

No dia anterior, Don Alberto e a sua esposa tinham vindo fazer compras à sua loja. Tinham comprado muita coisa, muitos enfeites e muitos presentes, e Don Alberto fizera questão de comprar coisas simples, mas de boa qualidade. Pela primeira vez, os meninos da Hacienda iam celebrar o Natal e receber a visita do Bom Velhinho, e ganhar os seus presentes.

Tudo isso porque o menino Josellin, filho de Don Alberto e Doña Guadalupe, acreditava que a única razão de o Bom Velhinho nunca ter ido visitar a hacienda era porque os meninos não sabiam escrever e, portanto, nunca tinham escrito as suas cartas fazendo os seus pedidos de presentes. Agora, D. Alberto queria corrigir isso, e queria começar uma nova tradição: — Celebrar sempre o Natal na fazenda com uma grande festa, com muita alegria, muita comida, e muitos presentes, enfeites e todas as coisas típicas da época natalícia.

O Señor Manuel ficara encantado por ter feito um negócio tão grande, e fascinado com a história daquele menino que, na sua inocência, estava já a mudar para melhor a vida de tantos outros meninos, que moravam num lugar tão ermo e tão distante.

Pensando acerca disso, perguntava a si mesmo se não haveria nada que ele pudesse também fazer por essas pessoas menos afortunadas quando uma ideia começou a germinar na sua cabeça. Gostou do que pensou e rapidamente escreveu a Don Alberto, falando-lhe da sua sobrinha Rosarito.

Mandara a carta pelo peão Tomás, junto com o seu melhor cavalo, e ele cavalgara o dia inteiro para levá-la e trazer a resposta. Era ele quem agora chegava, com uma carta de papel muito alvo nas mãos morenas. Tomás entregou-lhe a carta num gesto sentido, emocionado. Não conhecia o conteúdo, mas podia sentir que era uma coisa importante.

“—Aqui está a resposta, Señor Manuel!”

“—Gracias, Tomás! Deves estar cansado. Anda, vai comer alguma coisa y descansar. Amanhã fica com os teus filhos e a tua mulher, não precisas vir trabalhar. Hoje foi um dia muito duro, mas amanhã só cuidas do Blanquito. Portou-se bem, o Blanquito?”

Por um momento, os dois riram-se do cavalo completamente negro a quem alguém por brincadeira resolvera chamar Blanquito (branquinho).

“—Sim, Señor! É um bom cavalo. Cuidarei bem dele hoje e amanhã, Señor. Boas noites!”

“—Boas noites, Tomás. Obrigado!”

Finalmente só, e com as mão tremendo um pouco, Señor Manuel abriu o envelope. A resposta à sua própria carta era concisa e curta, mas era tudo o que esperava e queria.

*“Prezado Señor Manuel*

*Lemos com muita atenção a sua carta, minha esposa e eu, sobre a sua sobrinha professora, que devido a sua dificuldade em movimentar-se nos transportes públicos, não pode exercer a sua profissão. Foi realmente um acidente lamentável esse, que matou os seus pais e a deixou sem poder trabalhar e vivendo com o Señor e a sua família. Mesmo recebendo algum subsidio do governo para poder manter-se, não poder trabalhar faz qualquer pessoa infeliz, por isso entendo completamente a sua preocupação em ajudá-la.*

*Temos na hacienda um celeiro antigo que, com algumas reparações, poderia ser usado como escola para alfabetizar as crianças. Mas há que pensar em custos e, por isso, aproveitei a oferta do seu peão Tomás para que, com outro cavalo,*



*levasse carta minha aos donos de mais duas “haciendas” vizinhas, que me responderam que os meninos dessas suas fazendas poderão também frequentar a escola aqui, e que dividiremos os custos entre todos.*

*Igualmente, eles como eu, agradecem a sua ideia, e as soluções que ela traz a todos.*

*Poderemos combinar mais detalhes passadas as festividades, mas considere desde já que a sua sobrinha vai poder ajudar muita gente, se estiver disposta a vir viver aqui na fazenda. Casa onde morar, gente para ajudá-la e o que comer, não lhe faltarão nunca. De salário poderemos falar directamente com ela. Felicito-o pela sua ideia, e saúdo-o uma vez mais pelas festividades.*

*Feliz Natal, Señor Manuel. “*

Emocionado, o Señor Manuel terminou a leitura e pensou na sua sobrinha, tão preparada, tão pronta a ajudar os outros, e tão limitada pela sua cadeira de rodas.

Guardou a carta dentro de um outro envelope, no qual escreveu o nome dela. Ia colocá-lo junto do pinheiro de Natal em sua casa. Seria o seu presente para ela. Um grande presente de Natal!

*Por Henrique Mendes.*

# Um Voto

Quando olho, aqui de casa, vejo de um lado a montanha coberta de mata densa, verde, subindo sempre. E do outro lado, contornando-a, a cidade estendida a meus pés, espalhando-se vale abaixo até sumir de vista por detrás de outra montanha verde escura.

E todos os anos, nesta época, a parte que sobrou da minha alma de criança estremece, cresce, e acabo assistindo com olhos maravilhados de menino aos preparativos para o Natal.

As luzes e os enfeites, assim vistos de longe, na praticidade da minha varanda, são tão bonitos, tão maravilhosos, que nunca senti verdadeiramente a necessidade de chegar mais perto.

Foi assim até um dia, em que o acaso me colocou no centro da cidade, sem carro e com tempo disponível. Nesse dia aproximei-me vagarosamente, apreciando o momento. Já estava erguida na praça, como todos os anos, uma grande árvore de Natal. Não enorme, que a cidade é pequenina, mas grande mesmo assim.

Os preparativos já iam avançados, já estava firme no seu tripé, e já havia, de um lado e de outro, sobre uns estrados forrados com pano, algumas caixas de madeira enormes, embrulhadas como presentes, num gigantesco apelo à tradição de oferecer e partilhar.

Outras caixas, menores mas muito grandes, de papelão, também estavam embrulhadas e amarradas com grandes laços de fitas coloridas, compondo o aspecto dessas pequenas montanhas de presentes, acrescentando vida e simbolismo à praça.

Eu olhava para a árvore quando me pareceu ver alguém movimentando-se fortuitamente, atrás dela. Prestei mais atenção, e vi que se tratava dum senhor já de idade, que se dirigiu a um dos estrados e lá colocou, no meio das gigantes, uma pequena caixa de presente com um grande laçarote de fita dourada.

Depois contornou o estrado e parou, quase se assustando e parecendo muito surpreendido ao ver-me a olhar para ele.

—Boa noite! —cumprimentei.

—Boa noite! —respondeu. —Ótima, na verdade! Está tudo ficando muito bonito, não está?

—Está mesmo, realmente! —concordei, olhando em redor, enquanto conversávamos um pouco.

Pouco depois despedimo-nos, e ele foi embora sempre exibindo um sorriso de puro contentamento. Estranhando que não houvesse mais ninguém, a não ser nós dois, acabei por ir embora também, contente por ter estado ali.

A imagem dele indo embora satisfeito, sorrindo feliz, acompanhou-me durante todo o dia seguinte, recorrentemente. De tal forma que voltei à noite na esperança de tornar a encontrá-lo, para podermos conversar mais um pouco, mas não consegui.

Os trabalhos na praça, entretanto, tinham avançado desde a véspera, e já se notavam diferenças. A maior de todas não estava sequer na árvore, nem na sua iluminação, mas na quantidade de presentes a seu lado, embrulhados nas cores mais diversas e com laços de fita de todos os tamanhos e feitios. Eram muitos.

Lembrei-me do velho senhor colocando furtivamente, de noite, um pequeno presente junto dos enormes presentes falsos, apenas de enfeite, que ornavam a praça. Agora, esse pequeno presente, já era apenas um no meio de muitos, impossível de distinguir qual.

Voltei muitas vezes, nas noites seguintes, e o número de presentes não parou de aumentar. E todas as noites apareceu alguém que eu não conhecia, por ali pairando discretamente, parecendo apreciar os enfeites da árvore e da praça, com quem sempre acabei trocando algumas palavras, conversando um pouco.

Hoje, tal como faço todos os anos desde aquela primeira vez, vim até à praça. E mais uma vez encontrei velhos conhecidos, que cumprimentei alegremente.

Junto aos enormes presentes falsos montados em cima do estrado, junto à grande árvore de Natal, já havia outros presentes bem menores, quando cheguei. Não sei se algum deles é do velho senhor, que nunca mais tornei a encontrar.

Discretamente acrescentei o meu, e quase me assustei quando senti que uma outra pessoa me observava curiosamente. Mas era apenas mais alguém que, como eu fizera um dia, tinha vindo ver os trabalhos da decoração de Natal.

Cumprimentei a pessoa, com intensa satisfação. Depois saí passeando pela praça, apreciando tudo.

Mais uns dias e ela estará enfeitada com todos aqueles brilhos e cores de que a meninada gosta, e já as luzes pisarão em ritmos aleatórios de alegria e paz, conferindo à velha praça aquele ar dourado e especial das épocas de festa.

Depois, alguns dias mais tarde, começarão a escutar-se baixinho, nos altifalantes da praça, as músicas típicas desta quadra. E haverá anjinhos adejando as asas brancas, no coreto, em leves movimentos mecânicos.

Sabiamente iluminados, vai parecer que flutuam no ar enquanto tocam as suas pequenas liras, e alguns mexerão até as cabecinhas, onde se distinguirão bocas abertas, cantando, embora todo o mundo saiba que são dos corais da cidade as vozes que se escutam.

Quando se passa junto das escolas de música, escutam-se já hoje os ensaios das bandas, preparando-se para os desfiles próximos, também com temas da quadra.

Nas janelas dos bares, e nas vitrines das lojas ao redor da praça, abundarão enfeites luminosos e cordões peludos e brilhantes, de cores garridas, onde bolas espelhadas coloridas irão refletir luzinhas e velinhas de fingir.

Nos vidros, e um pouco por toda a parte, mesmo com neve de mentirinha ou com a mais prosaica das canetas, mais uma vez surgirá escrita uma expressão que não podemos deixar cair no esquecimento, por ser a mais perfeita tentativa da humanidade de criar um dia no ano —pelo menos um ! —em que as pessoas falem de beleza, de amor e de paz:

*\* F e l i z N a t a ! ! \**

Que seja um voto. É o que desejo com sinceridade também a todos os que me lerem.

*Por Henrique Mendes.*

- Michele Calliari Marchese -

# Nesse Natal...

“Vai ser a maior festança!”, disse o Coronel Vitório no almoço daquele dia. E tratou de contratar peões, comprar lâmpadas e fios para puxar a rede elétrica do seu gerador até a Igreja. Fez tudo com um esmero lindo de se ver. Mandou trazer da sua fazenda, a maior árvore de natal que alguém jamais viu em sua vida.

Quando o caminhão chegou à Campina da Cascavel, teve que parar na entrada, pois aquela árvore gigantesca iria destruir as casas da cidade. Todos os homens correram para ajudar e conseguiram levá-la até a frente da Igreja, onde já havia sido construído um pedestal de cimento que suportasse todo aquele peso.

A esposa do Coronel tratou de convidar as comadres e as crianças para enfeitar a árvore com os mais incríveis enfeites que trouxe de São Paulo para aquela ocasião. Tudo lindo e maravilhoso, como devem ser todos os Natais.

O presépio era em escala natural e muitos levaram sustos ao se deparar com aquelas estátuas que mais pareciam gentes. Inclusive a Dona Jadi tratou de correr até a manjedoura porque jurava que era um bebê de verdade que lá dormia.

O Padre Dimas estava muito ansioso com o evento e tratou de transferir a Missa do Galo que aconteceria à meia-noite para às oito horas, para que depois todos fossem até a árvore para receber o Papai Noel, que viria a mando da esposa do Coronel e distribuiria balas, confeitos e abraços. Nenhuma criança da Campina havia visto um Papai Noel, de modo que a euforia era contagiante.

O delegado foi o único a prever que alguma desgraça aconteceria, fosse pela sua profissão ou fosse pelo seu sexto sentido, o certo é que ele estava certo.

Mandou seu imediato ficar de tocaia e de revólver na cinta para o caso de algum inconveniente.

O Padre finalmente badalou para a Missa do Galo das oito e disse sem muitas delongas —já que todos estavam olhando para fora à espera que as luzes se acendessem —que o Natal é o nascimento do Menino Jesus, que se preparassem para recebê-lo naquele dia tão seu. Que Ele vinha distribuir o amor, a paz e a esperança, mas que todos deveriam oferecer a Ele o que tinham de melhor: seus corações. E pediu a todos que fizessem uma reflexão antes da ceia de Natal.

Dispensados com o habitual amém, todos correram para fora a esperar o grandioso evento. As luzes acenderam quando o Coronel deu pela falta da sua esposa; numa rápida corrida de olhos a viu saindo pela porta da sacristia arrumando o cinto do vestido azul celeste. O Padre badalou o sino no mesmo instante e fez com que o Coronel pensasse bobagem, já que andava meio desconfiado da mulher, e quando olhou novamente para a porta da sacristia, viu o Papai Noel ajeitando o cinto preto de sua roupa vermelha, e essa cena o fez ver em sua cabeça a mulher ajeitando o cinto dela e ele ajeitando o cinto dele e o Padre a badalar e aquele inferno de luzes piscando e crianças gritando sem parar. Isso o deixou louco.

Louco de indecisões, pelo orgulho ferido, por tudo o que gastou naquele Natal mais lindo do mundo e tinha que tomar providências, mesmo que fosse contra o Papai Noel. Olhou se o revólver estava engatilhado e lembrou-se que por um pedido da esposa, havia deixado o companheiro em casa; restavam-lhe os punhos e uma raiva abateu-se sobre ele, e não viu nada e nem ninguém quando atravessou a multidão, fazendo pessoas e crianças caírem no chão, indo em direção àquele crápula do Papai Noel. A primeira coisa que fez quando chegou perto do homem foi espantar as crianças que estavam ali e disse num assomo de fúria que fez estremecer até o sino da Igreja: “Seu fedepê duma figa, você me paga!” E avançou com o punho em riste, mas nesse instante as crianças que escutaram os impropérios, começaram a gritar que o Coronel era malvado, que o Coronel tinha chamado o Papai Noel de nomes feios, que o Coronel era isso e aquilo outro.

A mulher do Coronel tratou de ficar entre as comadres, pedindo o que estava acontecendo, pois de onde estava ela não enxergava nada.

Os pais das crianças acorreram em direção da balbúrdia e outra ainda maior teve início, porque os pais foram para cima do Coronel que não conseguia dizer nada, e até sua cegueira de louco havia passado, pois já se encontrava alto do chão, carregado por muitos homens e por fim, o delegado apareceu.

Deu ordens de levar o arruaceiro até a delegacia e o deixou trancado lá até que as festividades terminassem. Sozinho, o traído pôs os pensamentos em ordem.

Quando tudo terminou e o delegado liberou o Vitório, a população ficou extasiada com o espocar dos foguetes vindo da casa do benfeitor de Natal. Todos saíram de suas casas e não viram nenhuma luz no céu, como é para acontecer quando soltam foguetes, e o delegado resolveu contar os estouros — seis — e ficou apavorado. Disse ao imediato que corresse, pois que o Coronel havia descarregado sua arma em alguém, provavelmente no Papai Noel.

Chegaram lá cansadíssimos e encontraram o Coronel do lado de fora da casa. Pediram-lhe de sua esposa e ele respondeu que ela ainda não havia voltado das festividades e pediram também do Papai Noel — já que todo mundo sabia que a esposa do Coronel o havia contratado — e o homem respondeu com um sorriso benevolente nos lábios que o dito cujo deveria estar entregando presentes em outra freguesia.

*Por Michele Calliari Marchese.*



# E o Natal Chegou...

*... ao fim!*

“Ufa!”, pensou a Dona Marta. Finalmente chegara ao fim aquela festança familiar que por um lado é bom, mas por outro lado ela não entendia muito bem o significado daquela data que com o passar dos anos acabou tornando-se um fastio. Quanta louça; olhou para a pia entupida e suspirou com as mãos no rosto. Ouvia ao longe aquela conversa ininteligível e fora interrompida de seus pensamentos quando um dos netos postou-se ao seu lado “para ajudar a lavar a louça vó”, e ela respondeu-lhe que sim bastava pegar o banquinho no banheiro que iriam começar.

Vestiu aquele ajudante com um avental que teve que ser dobrado três vezes na cintura para que o pequeno não tropicasse nele. Os pais daquela criança sentados lá fora conversando uma conversa universal enquanto a mais velha e o mais jovem trabalhando para que o dia seguinte fosse mais limpo, mais claro e mais harmônico. “Você gostou dos presentes?”, entabulou uma conversa com o neto e ele respondeu-lhe que sim apenas com um aceno de cabeça, estava muito compenetrado fazendo espuma com o detergente e apertando repetidas vezes a esponjinha sem lavar nada. E a Marta lembrou-se de seus anos primórdios e de como eram diferentes os natais de sua infância quando via a mãe trazer de dentro do quarto uma caixa com as bolas que enfeitariam uma árvore de verdade, plantada numa lata de banha e essas bolas quebravam com o mínimo esforço e novamente ouvira a voz da mãe ali enxugando as colheres da sobremesa: “cuidado com as bolas de natal, elas são frágeis e caras”, e tinham que cuidar porque quando quebravam cortavam os dedos.

Ouviu um barulho de alguma coisa caindo e correu para a sala —de onde viera o barulho —para ver o que tinha caído e sem pensamento de nada viu que o gato finalmente havia saído de seu esconderijo derrubando aquela árvore

artificial sem quebrar as bolinhas inquebráveis —quanta diferença —e estava se lambendo sentado um pouco a frente da bagunça que fizera. “Alguém decerto que arrumará”, ela pensou e voltou para os afazeres com o neto que ria e perguntava por que o gato havia derrubado a árvore e ainda bem que não o fizera enquanto o papai Noel estava lá.

“A vovó acredita em Papai Noel?”, perguntou aquele inclemente perguntador de coisas e diante do recuo da avó em responder, disse na sabedoria infantil que ele também não acreditava, mas tinha que acreditar porque o irmão era um bebê. E também porque o Papai Noel trazia presentes. A avó suspirou; também acreditara em algum momento de sua vida naquele velhinho vestido com roupas de inverno e que trazia presentes, porém num Natal que não fez muita questão de lembrar, mas lembrou, quando apareceu muito tarde da noite um homem vestido de vermelho, muito suado e com uma máscara; a máscara era tão assustadora que daquele Natal em diante os natais nunca mais foram os mesmos. Se for para divertir as crianças bastava que dessem uma bola e não um homem com uma máscara. Nunca descobrira quem era aquele falso bom velhinho.

Tropicou num embrulho que apareceu quando o cachorro o trouxe para perto deles e ela deixou cair os braços para afagar o pobrezinho que tinha medo de foguetes e então o neto cheio de espuma também resolveu acarinhar o bicho. A Dona Marta nada disse, pois já pedido inúmeras vezes que fossem prender o cachorro na coleira para que não saísse em disparada quando das espoucadas dos fogos de artifício. “Se quiser uma coisa bem feita, faça-a você mesma”, pensou naquele momento e viu o neto pegar uma faca para lavar e tirou-a imediatamente das mãos do menino e deu os pratinhos de sobremesa para que ele lavasse e lembrou quando queria lavar a louça e sua mãe não deixava porque muitas tias e primas faziam o serviço; pensou em quanta diferença de hoje em dia, tinha errado na educação? Foi prender o cachorro e voltou para terminar a louça quando viu o pequeno lavando as paredes com a esponjinha.

Ela e o neto, sozinhos os dois no meio de tanta gente que conversava conversas que se deturpavam conforme as horas avançavam inexoráveis em

direção ao outro dia, o dia seguinte, o dia da clareza, do silêncio e da falta das risadas e das máscaras de papais-noéis.

Ajuntou todos os embrulhos do chão enquanto o neto segurava o saco de lixo, rindo em sua inocência e fazendo perguntas intermináveis, cujas respostas eram imediatamente feitas por ele. Pensou que aquele Natal tinha sido o Natal mais prazeroso de sua vida, aquele cujas festas foram resumidas à companhia de um neto de 5 anos e pensou no bebê que começou a chorar no quarto, assustado pelos fogos de artifício; pegou-o no colo e afagou aquela cabeça cheirosa e os três ficaram a conversar no quarto enquanto ouviam ao longe, como se fosse num outro mundo os desejos de felicitações de outras pessoas —que eram a sua família —bem ao longe, num lugar inacessível, no agora do outro dia.

Ela abraçou aqueles dois netos e desejou que continuassem pequenos e que não crescessem nunca para que no Natal do ano seguinte eles pudessem ter outro igual àquele que tiveram de conversas amenas, risadas e comunhão amorosa, sem presentes e sem máscaras, com o sentido concreto em seus corações de que o Natal não precisa ser uma festa descomunal, apenas uma esponjinha cheia de espuma para lavar as paredes vazias de uma casa cheia.

*Por Michele Calliari Marchese.*

- Soraya Souto -

# Era Natal

Depois de horas de preparação, tudo estava como ela planejara. A decoração, embora simples, refletia o ambiente natalino nos enfeites e cores pelo pequeno apartamento. A mesa fora preparada para dois lugares. No centro um delicado arranjo de flores e ao lado de um dos pratos em pequeno embrulho de presente. Começara a bordar aqueles lenços de bolso alguns meses antes, para que nesta noite de Natal fossem o presente para seu único filho. Se vestira com seu melhor vestido, ansiosa para revê-lo depois de meses. Caminhou até a janela, de onde podia vê-lo chegar. Observou, na calçada do outro lado da rua, uma mulher que se encolhia na tentativa de se abrigar do vento frio. Depois de alguns segundos, percebeu que ela abraçava o pequeno filho, envolvendo-o em seu próprio casaco. “Ela devia estar em casa”, pensou. Consultou novamente o relógio. O filho estava atrasado. Na cozinha, retirou da embalagem uma garrafa de vinho e a levou para a mesa. Gastara além do que podia, mas era Natal...

Uma hora depois ainda estava à espera, indo de um lado ao outro, verificando inúmeras vezes o que tinha preparado. Enquanto aquecia a água para um chá, voltou até a janela. Apesar do frio, a mulher continuava no mesmo lugar, ainda segurando a criança. Inesperadamente, levantou a cabeça e a encarou curiosa. Olharam-se por alguns minutos, uma comunicação muda e compreensível apenas às mães. “Ela precisa de um chá...”

Desceu rapidamente as escadas, abriu a pesada porta e acenou chamando-os para dentro. A mulher pareceu hesitar por um momento, mas apertando ainda mais o filho, atravessou a rua com cuidado e se aproximou. Subiram ao apartamento em silêncio, ela na frente, com passos apressados. No calor da sala mostrou o surrado sofá, enquanto servia duas xícaras de chá e colocava na mesinha ao lado. Para a criança trouxe uma manta de lã que fora do filho, e por anos era guardada na gaveta do quarto. Sentadas lado a lado, se tornaram amigas nesta noite de Natal. Dividiram o chá e depois o jantar. Falaram de vidas

diferentes e dores iguais, filhos que vem e vão, companheiros que não iriam voltar...

O magro menino dormia pesadamente no sofá, como se sonhasse nesta noite, que é também das crianças, com luzes e presentes que viriam. Quando os primeiros raios de sol atravessaram a janela, ela guardou o presente que preparara, desfez a mesa e observou triste seus dois visitantes. Ambos dormiam abraçados no sofá, indiferentes ao desconforto, mas aquecidos e protegidos. Pensou em descansar um pouco. Deitou-se vestida, puxando as cobertas e fechando os olhos. Lembrou do filho, e de quantas vezes seria capaz de perdoar e esperá-lo chegar.

Não sabe quanto tempo dormiu, mas acordou se sentindo revigorada e tranquila. Alguém caminhava na sala, e isso a lembrou que tinha companhia, por isso se levantou rapidamente. O menino estava à janela, acenando para alguém na rua. Curiosa se aproximou, vendo a mulher já longe, fugindo rapidamente.

Não precisava de explicação... era Natal.

*Por Soraya Souto.*

# O Nascimento

Eles seguiam devagar em meio à agitação febril da rua. Destoavam das pessoas apressadas que entravam e saíam das lojas, carregando sacolas de presentes com as últimas compras natalinas. O seu ritmo mais lento de caminhar parecia incomodar um pouco os outros, que aceleravam o passo para ultrapassá-los como se tivessem receio de lhes tocar.

Depois de dias procurando emprego naquela cidade, tinham sido obrigados a deixar a pequena pousada onde estavam, e saído à procura de um outro lugar para ficar. O homem amparava a mulher grávida, oferecendo-lhe apoio a cada parada, e um sorriso de incentivo quando recomeçava a caminhar.

Desde aquela manhã ela sentia dores, e estava assustada com a proximidade do nascimento do seu primeiro filho. Já era quase meia noite quando ela pediu para parar.

Olhando em redor, ele a conduziu através de algumas caixas de madeira, e palets abandonadas, na entrada de um beco próximo. Rapidamente ele improvisou um abrigo, esmagando algumas caixas de papelão grandes para ela ter onde reclinar-se. Depois empilhou caixas contra o vento frio e o ruído que vinham da rua. E algumas sacas velhas, rasgadas, emprestavam alguma intimidade àquele recanto do beco onde, ele sabia, o milagre da vida não demoraria a acontecer.

O dia terminava, e a escuridão trouxe consigo uma pequena fogueira que alguém acendeu. Pouco depois, uma velha senhora surgiu oferecendo uma tigela de sopa. Aos poucos, outras pessoas que ali se abrigavam foram aparecendo. O pequeno beco revelava-se, agora.

Uma luz fraca acendeu-se, numa janela alta, iluminando mais um pouco. De uma porta que se abriu, dos fundos de um restaurante, vieram toalhas limpas. De algum outro lugar, uma velha manta de lã somou-se ao momento.

Enquanto isso, na rua as pessoas passavam indiferentes, desconhecendo o que ali se passava, e a harmonia fraterna que se estabelecia, como um laço natural entre os que dividem dores e dificuldades. Quando a hora do nascimento chegou, deram-se as mãos silenciosamente, em uma expectativa sincera pela nova vida que acontecia.

O bebê chegou com os primeiros raios do sol, e seu choro alto e forte ecoou pelas paredes do beco. Foi colocado em uma pequena caixa de papelão, sob os olhares dos pais felizes e emocionados.

E quando os sinos da igreja, na rua ali ao lado, convocaram os fiéis para a primeira missa do dia, os moradores do beco já estavam ajoelhados e fazendo uma prece pelo pequeno recém-nascido, que trouxera consigo a alegria da vida, e reunira em si as esperanças de tantos com bom coração.

Era Natal novamente.

*Por Soraya Souto.*



- Celêdian Assis de Sousa -

# O Valor dos Sonhos

Caía a tarde, já se pintava no horizonte uma aquarela de belos tons, sol desmaiando lentamente, trazendo as cores de fogo, sob os azuis que aos poucos, acinzentavam-se. Cenário perfeito para ele, aquele ancião, que da varanda, em sua cadeira de balanço embalava seus pensamentos e alimentava a sua sabedoria.

Já fazia parte de sua rotina diária sentar-se ali e meditar sobre a beleza que existe nos contrastes, dos sóis e luas, das cores da vida. Não raro passava por ali uma menina faceira, que lhe interrompia os pensamentos. Ela, esperta e curiosa, sempre sorridente parava para cumprimentá-lo e para fazer-lhe perguntas sobre as coisas mais triviais, o que sempre rendiam boas conversas. Ela, com a natural simplicidade de criança, o levava a transportar-se para o mundo de fantasias.

Nessa tarde, a menina chegou, abraçou-lhe e contou-lhe algumas façanhas do dia, o que ele ouviu atentamente e ao final sorriu um daqueles sorrisos ternos, que pareciam consentir que ela o transformasse em criança. A conversa enveredou-se entre muitos temas, até que de repente, sem nenhum embaraço ela pergunta ao ancião:—O senhor acredita em Papai Noel?—A pergunta tomou-o de súbito espanto, mas tão logo se recuperou, tomou-lhe as mãos, olhou-a com ternura e começou a contar-lhe uma história:

—Quando eu era ainda um menino, esperava pelo dezembro com muita ansiedade. Eram dias nos quais eu me sentia muito feliz. Não havia luzes coloridas enfeitando as casas, como as de hoje, mas havia sempre no canto da sala a árvore feita de galhos de pinheiro, com as bolas multicores e era como se cada uma delas guardasse os meus sonhos. A família parecia transbordar de amor e uma alegria incontida tomava conta da casa. Meus pais davam a mim e aos meus irmãos, sapatos novos, logo no início do mês e diziam que

deveríamos guardá-los até a noite do Natal, quando então os colocaríamos na janela, para recebermos os presentes que Papai Noel nos traria. Por muitos e muitos anos eu acreditei que Natal significava “dia de ganhar presentes”. Pois bem, eu crescia e assim como você agora, passei a perguntar-me se Papai Noel existia. Muitas vezes fiquei em dúvida, pois eu convivia com outras crianças e algumas nunca ganhavam presentes, na casa delas não havia sapatos novos para se colocar na janela e seus pais às vezes, não se importavam com Natal. Eu só entendia que aquilo não era justo e se ele existisse mesmo, não se importaria de deixar presentes, mesmo que não houvesse sapatos na janela, ou árvores na sala. Foi daí que comecei a pensar no verdadeiro significado do Natal e fui crescendo até envelhecer, sempre pensando e agora me vejo aqui diante de você elaborando a resposta para a mesma pergunta, a mesma que fiz a mim a vida toda. Então eu lhe digo: eu acredito em Papai Noel, pois ele tem me dado um presente a cada dezembro, que me sinto vivo. Entendi que não preciso dos sapatos novos e nem preciso receber caixas com laços de fitas, apenas preciso sentir a presença dele na minha imaginação, esperando sempre por ele, esperando que haja um próximo dezembro. Presente significa receber da vida o que é fundamental para te fazer feliz, e em cada momento dela descobriremos o que é realmente importante para nós. Então minha linda menina, saiba que, nesse Natal já recebi o meu presente e você é o meu Papai Noel. Este sorriso que me trouxe, o abraço terno e sua meiguice de criança fazem com que eu me sinta vivo e de novo feliz, como nos tempos de menino.

A menina sorveu cada palavra e entendeu que Papai Noel existe e que ele é o próprio presente, o que escolhemos para manter viva a magia dentro de nós.

*Por Celêdian Assis de Sousa.*

# Esperança

Não era um dia comum para a maioria daquelas crianças de olhinhos brilhantes e afoitos, moradoras da Vila Esperança. Naquela tarde de vinte e cinco de dezembro aguardavam e olhavam para o céu, entre a ansiedade e a alegria incontida, o pouso do helicóptero que traria o Papai Noel.

Do outro lado da cidade, no Condomínio Solidariedade, não menos ansiosa, roendo as unhas, alheia a euforia de outras crianças que exibiam seus novos e sofisticados brinquedos, Estefânia olhava inquieta o seu relógio cor de rosa, presente que ganhara naquele Natal. Quem a observasse mais atento, perceberia na sua face, certa aflição. O que poderia afetar assim a mente de uma menina de apenas dez anos de idade?

A cena não passou despercebida. Lêda, a professora que morava naquele mesmo condomínio, não ficou indiferente. Aproximou-se de Estefânia, tocou-lhe a face carinhosamente quando aqueles olhinhos aflitos a fitaram, e perguntou:

—O que faz esta menina linda assim tão quieta? Por que não brinca com os amiguinhos e não trouxe para o pátio os brinquedos que Papai Noel lhe trouxe?

—Estou esperando que venham buscar-me. Tenho hoje algo muito importante para fazer. Terei ainda muito tempo para brincar com meus vizinhos daqui, tenho outros amigos que preciso visitar hoje, respondeu-lhe a menina.

—Conte-me Estefânia, onde vai e o que fazer assim de tão especial?

—Sim professora, vou contar-lhe. Certo dia quando fomos ao Shopping Center, minha mãe e eu, para escolher meus presentes, apanhei um daqueles papéis de propagandas e nele vi o anúncio de um concurso de poesias, cujo tema era falar dos meus sonhos que queria ver realizados no dia de Natal. O prêmio seria passar a tarde de Natal junto ao Papai Noel, que sobrevoa de helicóptero e pousa em campos, nas comunidades carentes na periferia da cidade e ajudá-lo

a distribuir os presentes. Pois bem, guardei aquele papel e chegando a minha casa comecei a escrever um poema. Não foi tão difícil, sabe D. Leda? Eu já estava realizando um de meus sonhos naquele momento, escrever poesia. Ganhei então o melhor dos presentes, fui a escolhida no concurso. Agora estou aqui esperando para realizar o meu outro sonho.

A professora Leda não sabia o que dizer, embargara-lhe a emoção. Apenas sorriu docemente, passou-lhe as mãos sobre os longos cabelos negros e afastou-se com os olhos marejados. A menina continuou ali sentada e insistentemente conferia o seu relógio. Faltavam ainda cerca de duas horas para que a viessem apanhar em casa.

Neste ínterim, a professora voltou acompanhada de todas as crianças que brincavam no pátio. Fizeram um círculo em volta de Estefânia e pediram-lhe que recitasse a sua poesia também para eles. Ela ainda muito assustada, surpresa com tal pedido, ajeitou o vestido branco de laços azuis e com a face corada, começou a recitar:

### *MEUS SONHOS PARA UM DIA DE NATAL*

*Não preciso de muitos presentes,  
Só a minha poesia quero deixar,  
Para meus irmãos tão carentes  
E para elas o meu amor levar.*

*Meus amiguinhos amados,  
Dois sonhos venho realizar:  
Trazer meus versos falados  
E o Papai Noel lhes apresentar.*

*Ele traz brinquedos na bagagem  
E para cada um é especial,  
Mas traz mais nessa viagem,  
Muito além do material.*

*Ele traz importante mensagem:  
Nunca deixem um sonho morrer,  
A esperança pede passagem,  
Para uma vida melhor nascer.*

*Sejam irmãos, cultivem a amizade,  
Aos bons conselhos, obedecem,  
Pratiquem o bem, a solidariedade,  
E a Deus, todo dia agradeçam.*

Estefânia acabara de ler seu poema e olhara para todos em volta, que alegremente a aplaudiam. A professora que não conseguia conter as lágrimas a abraçou demoradamente, enquanto as crianças se afastavam correndo para suas casas. Enquanto recobravam a emoção que ambas se achavam envolvidas, eis que vinham chegando os amiguinhos que antes a ouviram. Cada qual trazia nas mãos um brinquedo. Alguns eram novos e outros já usados, de acordo com o que seus pais lhes permitiram levar. Um deles trouxe também uma grande caixa, onde foram depositando um a um, os presentes que queriam doar para as crianças da Vila Esperança. Estefânia chorava e sorria enquanto abraçava e agradecia aos seus amigos, quando foi interrompida pelo chamado da mãe, dizendo que Papai Noel chegara e já estava pronto para a viagem da alegria.

*Por Celêdian Assis de Sousa.*

- Helena Frenzel -

# Ao Que Muitos Chamam Natal

Do lugar do motorista, no carro parado no estacionamento, ela observava meio emburrada o vai-vem tão típico das vésperas de Natal. Não agüentava mais todo aquele consumismo. Todo ano é a mesma coisa! O clima melancólico, os lembretes de que muitos não têm sequer o que comer... E as campanhas tilintando: Compre Baton! Compre Baton! E tudo é sempre coca-cooolaa. Não, não suportava mais aquilo! Se possível, gostaria de dormir e acordar bem depois de haver baixado a poeira de todas as festas de fim de ano. Em meio às suas revoltas sazonais, contra o sistema, uma coisa naquele estacionamento movimentado chamou-lhe a atenção. Tratava-se de uma menina que, naquele momento, começava a acomodar suas compras natalinas num pequeno carro, modelo popular. Talvez aquela mocinha não tivesse mais que 18 anos... Viu quando ela, primeiro, trouxe uma caixa plástica transparente. Dentro da caixa, várias bolas douradas e outros enfeites natalinos espremendo-se e concorrendo entre si, esperando ansiosos para saber a quem tocaria a sorte de ficar com a vista mais legal da janela. Nem adiantou a briga dos enfeites, pois a menina acomodou a caixa no chão do automóvel, no banco traseiro, escondendo-a, ou melhor: protegendo-a à sombra do banco do passageiro. E ela, nossa voyeur, de seu posto, chegou a ouvir os gritos de decepção e os choros, que em nada faziam recordar os chorinhos musicais chorados com tanto gosto pelos chorões passados brasileiros. Era mesmo um berreiro! Irredutível, a menina voltou ao carrinho de compras, agora para retornar com duas orquídeas, cada uma em cada vaso. “Embora não passem de parasitas, chame uma orquídea de aproveitadora ou sanguessuga pra você ver aquilo roxo, chame! Que nada,” pensava nossa voyeur, “chiques do jeito que essas plantas são e tão delicadas... Se molhar demais, murcham; se molhar de menos, secam do mesmo jeito! Não entendo as orquídeas, tão belas e tão temperamentais. Não se fazem mais plantas como antigamente, isso sim! Todas estragadas em laboratório!”. A menina começou a acomodar as orquídeas no automóvel.



E nossa observadora chegou a ouvir o choramingar de uma das duas: “Ai, vai estragar meu visual! Depressa, depressa!”. Chuviscava. Parecendo entender suas queixas, a menina pôs uma delas sobre o banco da motorista, enquanto buscava acomodar a outra em algum lugar no banco de trás. Nossa voyeur não sabia como fizera a menina, pois as orquídeas foram engolidas por aquele automóvel, por fora tão pequeno e, por dentro, se duvidar, com compartimentos simulando buracos-negros engolidores de bagagens, ainda que fosse um sumidouro temporário só durante o deslocamento. Terminada a operação super-cuidadosa, a menina devolveu o carrinho de compras ao estabelecimento e voltou apressada à sua nave. Talvez essa pressa última tenha sido só por causa da leve chuva... Por todo o tempo que observara sua atuação, em nenhum momento nossa espia percebeu sequer uma ruga de impaciência no rosto da menina. Muito pelo contrário, a menina moveu-se tão devagar durante o carregamento de seu pequeno veículo que, caso tivéssemos que ficar ali o dia todo, por certo não nos entediáramos com aquela dança mística, quase ritual. Enquanto nossa olheira, em seu posto, aborrecia-se pensando que todo final de ano era a mesma coisa, a menina, ao contrário, parecia estar curtindo cada segundo daquelas compras, e feitas num dia assim tão cinza, chuvoso, ranzinza. O que levou a observadora a pensar que talvez fosse aquele o primeiro Natal da menina em sua casa nova. Talvez por isso lhe desse tamanho gosto sair para comprar enfeites, e pagar com o próprio dinheiro. Quem sabe, estivesse organizando a sua primeira ceia de Natal... Poderia também estar curtindo o primeiro automóvel, a liberdade, a sua licença para dirigir, não só veículos, mas também a própria vida, seguindo a direção que bem lhe parecesse, e sem ter que dar satisfações a ninguém! A menina entrou no carro, pôs o cinto de segurança. Nesse momento, pela expressão dela, nossa observadora achou que parecia pensar: “Ôba, a vaga da frente está livre, nem preciso usar a marcha-ré. Era só ligar o motor, por via das dúvidas olhar para os lados e depois seguir”. O caminho estava livre. Naturalmente, a menina o tomou. Êpa, de repente uma freada. Não brusca, claro, para não afetar o humor das melindrosas passageiras. A observadora notou que a menina arrumava rapidamente alguma coisa no banco do passageiro, a seu lado. Um colete de segurança, uma caixa com um circuito de luzes de Natal... Pronto! Agora poderia seguir. Olhou de novo, por costume de bom motorista, seguiu por

menos de dois metros, sinalizou a mudança de direção e começou a ir-se embora, devagar.

E com ela, a menina, foram-se os murmúrios das bolas douradas. E as orquídeas, como estrelas de cinema, em limusines, escondidas, iam pondo em dia, uma para a outra, os últimos lançamentos, coleções e fuxicos do mundo da moda. Talvez, para as orquídeas, tanto faz se havia ou não uma festa de confraternização, voltada principalmente ao comércio, à que muitos chamavam de Natal.

—A peça está em falta! Agora, só ano que vem! Vamos?

Aquela voz grave, o barulho da porta do passageiro se abrindo e em seguida fechando bruscamente, a esperança de que nem tudo seria sempre a mesma coisa, o olhar inquiridor, o sorriso bobo, e nem um anjo..., as mãos frias, a menina indo, o frio lá fora, olhar perdido, o fuxico das orquídeas, o choro das bolas, o vai e vem no estacionamento, e nem um anjo..., a menina sumindo, o frio ali dentro, tudo, tudo aquilo tirando a observadora de seus devaneios e trazendo-a de volta à realidade fria e consumidora daquelas vésperas de Natal...

*“Os sinos soarão no dia de Natal!*

*Os sinos soarão no dia de Natal!*

*Anunciando:... (?)”*

*Por Helena Frenzel.*

# Natal: Quase Todos os Dias

Jovens adolescentes, Maria (13) e José (16) chegam à portaria de uma maternidade e solicitam, pelo amor de Deus, que os ajudem, pois a criança que Maria traz na barriga está para nascer. “Sinto muito, mas não temos mais vagas e, como vocês podem ver, até os corredores estão lotados. Essa época do ano é foda mesmo!” — responde a jovem atendente.

A época à qual ela se referia tratava-se da véspera de mais um grande feriado, dia 25 de Dezembro, mais um dos muitos que os capitalistas haviam inventado só para levar as pessoas a consumirem mais. O mais estranho era que ninguém sabia ao certo o que se comemorava naquele dia; o importante era comemorar algo, não importava o que fosse. Esses feriados, assim como os inúmeros carnavais e campeonatos de futebol, eram promovidos, sobretudo, para distrair o povo do caos social e da miséria em que viviam. A velha estratégia “panis et circus” que Roma tanto difundiu. E ainda tem gente que não aceita o fato de que a História sempre se repete...

“Por favor,” — suplicou José — “este já é o terceiro hospital que visitamos hoje. Eu e minha mulher já rodamos quase toda a cidade de ônibus. Olhe o estado dela, não agüenta mais, tá pra parir. Não temos plano de saúde e as maternidades particulares não nos aceitam. Vocês são nossa última esperança. Por favor, não nos mandem embora.” — Lágrimas brotavam dos olhos do jovem José enquanto proferia estas palavras.

“Puxa, eu sinto muito mesmo...” — compadeceu-se a jovem. — “Espere um pouco que eu vou falar com a minha chefe.” — e entrou apressada numa salinha pegada à recepção onde se lia ‘Acesso somente a funcionários’. Nem cinco minutos e lá se vem a atendente com uma senhora de meia idade, pele escura, cabelos crespos, um pouco grisalhos e presos atrás da cabeça. Devia ser a

chefe. Na verdade era um dos anjos que Deus colocara na Terra, disfarçados de gente, para ajudar as pessoas.

Recebeu Maria e José com um sorriso sincero nos lábios e disse: “De certa forma, já esperava por vocês... Hoje vai ser impossível arrumar uma vaga aqui. O diretor deu ordens expressas: para evitar problemas com a fiscalização não podemos aceitar mais ninguém. Já estamos muito além de nossa capacidade. Enquanto não acontece nenhuma tragédia ninguém vê o caos em que operamos aqui, mas basta um descuido, uma falta de sorte e aí todos caem matando em cima da gente, e o primeiro a perder o emprego será certamente o diretor... Entendam, ele só quer tirar o dele da reta... afinal de contas, quem liga mesmo para essa balela de Direitos Humanos neste mundo? Isto não existe na prática, né mesmo? Direitos da Criança e do Adolescente?! Fala sério, né meus filhos?!” —de vez em quando encolhia o pescoço entre os ombros enquanto falava. “Mas não se preocupem, não vou deixar o Messias nascer no meio da rua. Aqui pertinho tem um armazém abandonado. Vamos todos para lá e eu ajudo Maria a parir; sou parteira também, não tenham medo.”

Essas palavras soaram como um copo d'água fresca na boca sedenta de esperança do jovem casal. Porém, havia mais um problema: o tal armazém ficava a alguns quilômetros dali e Maria não agüentaria a caminhada. “Tem mais problema não!” —exclamou a boa senhora —“Eu tenho um fusquinha, meu ‘jegue véi de guerra’. Tá com pouca gasosa mas deve agüentar mais um quilômetrinhos... Venham comigo.”

E lá se foram os três. Nem deu tempo do ‘jegue velho de guerra’ adentrar o pátio do antigo armazém e o Menino-Deus já foi dando as caras ao mundo. Era meia-noite, do dia 24 para o dia 25 de Dezembro do ano de 2007. Tinha a pele escura, como os pais. Tão bonitinho... E embora tenha nascido em condições tão precárias, parecia ser saudável. A parteira ajeitou Maria no banco traseiro do fusquinha e colocou a criança em seus braços, que instintivamente buscou o seio da mãe. Logo estavam todos ali, maravilhados com o milagre da vida, esquecidos do caos, da miséria e do absurdo ao redor. Neste instante, uma estrela riscou o céu e, como um milagre, ficou parada bem acima do armazém, alí, como se fosse um Sol, iluminando e aquecendo aquele cenário inusitado.

No armazém estavam também outros sem-teto, que lá se abrigavam para passar a noite. Ao notar o alvoroço dentro do fusquinha, correram para ver o que se passava e, também maravilhados pelo fenômeno estelar, ou por medo talvez, ajoelharam-se e começaram a orar ao Deus Todo-Poderoso.

“É... mais um que nasce pra passar fome ou virar bandido, pobrezinho...” — soltou um dos sem-teto.

“Êta boca de mau agouro!” —condenou outro —“Enquanto existir Deus no céu a gente tem mais é que ter esperança. Um dia a casa cai e a coisa muda! Pode me chamar de besta quem quiser, mas continuo acreditando.”

“Queria poder levar vocês para minha casa, dar uma cama de verdade...” — disse a boa senhora —“Mas a gasosa que tem não dá pra chegar até lá. Dá, no máximo, pra chegar até o próximo posto... E eu não tenho hum Puto\* no bolso hoje!”

“A senhora tem cartão?” —perguntou humildemente o já tão agradecido José.

“Tenho, filho, mas não tô podendo usar agora não. É que meu nome tá já faz tempo no SPC. Sabe como é, né? Juros sobre juros... A gente trabalha tanto e nunca consegue pagar as dívidas. E olhe que eu não tenho nada de luxo lá em casa! Bom...” —suspirou —“vamos ver o que se pode fazer, deixa eu pensar... Deus há de ajudar a gente.”

Nem bem fechou a boca e lá apareceram três jovens, aparentando serem de classe média, cada um numa moto. Os três ficaram boquiabertos com a cena que encontraram.

“Nossa, as previsões estavam certas!” —exclamou o primeiro —“Cadê o Rei? Queremos adorá-lo!” —continuou o segundo —“Somos estudantes de Astronomia, mas de vez em quando defendemos um troco desenhando mapas astrológicos. Sabíamos que uma estrela ia aparecer e que nesse lugar estaria o Messias, o Rei dos Reis. Moramos bem longe daqui, mas nossos corações nos guiaram até este lugar, por causa da estrela e das profecias” —explicou o terceiro.

“Minha casa é pequena, mas onde come um, comem dois. Agora precisamos de dinheiro para comprar combustível e poder chegar até lá.” —disse a parteira depois de resumir a história para os três jovens.

“Vamos fazer uma vaquinha para a gasosa. Depois podemos fazer uma campanha e tentar arrecadar um pouco de dinheiro, alimentos e roupas para que essa família tenha algo por onde começar. Nosso povo brasileiro é pobre, mas em termos de solidariedade dá de dez em qualquer das G-Ricas-Nações do mundo.”

E assim fizeram. A estrela, essa continuou lá por um bom tempo ainda, sinalizando aquele episódio, representando um sorriso que se abria na face de Deus. O seu plano corria bem até ali. Um dia a humanidade aprenderia, esperava. Ele, de sua parte, continuaria nos amando, independente de nosso esquecimento e de tudo o mais.

\* \* \*

*“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16)*

\* Não sei quem inventou essa moeda —o Puto —só sei que meus colegas da universidade, lá pelos idos de mil novecentos e carne de porco, numa cidadezinha perdida muito depois de onde o vento faz a curva, de tarde, costumavam usar muito esse termo para designar dinheiro.

SPC - Serviço de Proteção ao Crédito

*Por Helena Frenzel.*

# Seu Zé, Dona China e Seu Natal

Contam que, numa cidadezinha entre dunas, no litoral do Maranhão, lá pelos idos de mil novecentos e cinqüenta, vivia um professor de matemática, aposentado e cheio de rabugices. Chamava-se José não sei das quantas. Tem nada não eu ter esquecido o sobrenome. Era conhecido mesmo só como Seu Zé. Pois bem, Seu Zé enviudara e, desde então, não quis saber de voltar a casar. Não tinha filhos. De quase tudo Seu Zé dava conta na vida, menos de lavar, passar e cozinhar. E olhe que não era por falta de esforço. Tentava passar ele mesmo suas camisas, mas se aborrecia porque sempre ficava uma marca e, por ser perfeccionista, suas camisas assim, amassadas como estavam, não podiam continuar.

Por isso contratou os serviços de Dona Emerencina, senhora muito boa, competente e o mais importante: depois de mais de cinco anos trabalhando para Seu Zé, lhe conhecia muito bem as manias. Um belo dia, porém, Dona Emerencina decidiu se mudar para a capital. Queria ajudar a filha a criar os netos. Seu Zé fez de um tudo pra que ela não o abandonasse, mas quá, nada adiantou. Como não lidava bem com mudanças de rotina, Seu Zé sofreu muito, emagreceu e quase não saía de casa por vergonha das peças amassadas que tinha que usar.

Nessa época, vários estrangeiros haviam chegado na cidade. Dentre eles, um grupo de chineses. Pouquíssimos já falavam ou entendiam bem o Português. O povo se admirava como, sem conhecer a língua do país, aquela gente tinha vindo parar ali. Foi aí que Dona China bateu à porta de Seu Zé, seguindo indicação de uma vizinha. Naturalmente ela não se chamava Dona China, mas, sabe como é, né? No interior as pessoas são mestres na arte de simplificar. Português Dona China não sabia bem, mas isso não era empecilho para cozinhar, lavar e, principalmente, passar. Seu Zé era muito bom pagador e isso era tudo o que importava a ela. Dona China nem bem acabou de bater à porta e

já estava empregada. Passados três meses, Seu Zé estava muito satisfeito com seus serviços. E ainda tinha a vantagem de que, muito diferente de Dona Emerencina, que trabalhava matraqueando, Dona China estava sempre caladinha, se comunicava com o patrão usando literalmente a cabeça, os pés e as mãos. Incrível!

Já pelo mês de maio, Seu Zé, como sempre precavido, começou a comprar mantimentos para o Natal. Ocorre que todo final de ano era sagrado Seu Zé montar cestas básicas e distribuir entre os mais necessitados da cidade.

Esse era um costume de sua mulher e ele fez questão de mantê-lo depois de sua partida. Sendo aquele seu primeiro ano no Brasil e ainda estranha aos costumes cristãos, Dona China jamais ouvira falar em Natal e, pelo jeito, a hipótese deste desconhecimento era coisa que também não passava pela cabeça de Seu Zé. Pois bem, de maio a outubro, todo final de semana Seu Zé chegava com mantimentos. Entrava em casa dizendo: “Isso aqui é pra Seu Natal!”. Talvez tenha sido esta a primeira frase que Dona China aprendeu em Português.

Por último, meados de novembro, num dia em que Seu Zé não estava em casa, chegou uma carroça tão carregada que o entregador demorou bastante pra descarregar a encomenda. Dona China, ao receber o homem, só soube dizer: “É pra seu Natal?”. Tendo recebido um aceno positivo de cabeça, deixou o entregador passar. Do outro lado da rua, muito interessado naquela arrumação, um forasteiro tomava calmamente uma pinga na quitanda. Foi só o entregador terminar de descarregar e ir embora, o forasteiro saiu e, sem demorar muito, voltou com uma caminhonete que estacionou na frente da casa de Seu Zé. À noite, quando Seu Zé voltou pra casa e foi conferir a encomenda que deveria ter chegado, tomou o maior susto: o depósito era o lugar mais limpo!

— Dona China! Dona China! O que aconteceu com as coisas que estavam aqui, mulher de Deus?

— Seu Natal vei buscá. Non ela pla ele?



E foi assim que Dona China ficou sabendo o que era Natal. E os pobres da cidadezinha, pela primeira vez em anos, ficaram sem receber sua cesta natalina.

*Por Helena Frenzel.*

NOTA: este conto foi escrito em homenagem à minha tia-avó, que também se chamava Helena. Muito do que sou, devo a ela. O que teria sido de mim sem os contos e histórias da minha querida tia? Para tornar o texto mais acessível fiz algumas adaptações; preservei, porém, o enredo. Pois bem, do repertório da Tia Helena diretamente para você.

Feliz Natal

*sempre*

porque

...

*“Todo dia é dia de viver”*

Da canção ‘Para Lennon e McCartney’, de Lô Borges, Fernando Brant e Márcio Borges.